

# RECONSTITUIÇÃO DO CORPO *UNO* EM ANTÓNIO MARIA LISBOA E MÁRIO CESARINY: CONVERGÊNCIA POÉTICA E PLÁSTICA.

*Reconstitution of the one body in António Maria Lisboa and Mário Cesariny:*

*poetic and plastic convergence*

MICHELE COUTINHO ROCHA\*

*\*Investigadora de Pós-Doutoramento em Ciências da Arte na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (bolseira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia), Doutora em Belas-Artes/Pintura e Mestre em Teorias da Arte pela mesma Faculdade. Pesquisa temas relacionados com o Surrealismo Português e convergência entre a palavra e a imagem nas vanguardas Ibéricas do pós-guerra.*

## RESUMO

Tomando como referência o pensamento de António Maria Lisboa – nomeadamente a articulação da noção de Poeta com a de Mago da tradição alquímica e esotérica aspirando ao conhecimento absoluto, bem como o reencontro e união com Sagir, a Mulher-Mãe - identificam-se na obra plástica de Mário Cesariny territórios de convergência, centrados na problemática do corpo reconstituído, reveladores de uma transmigração do poético para o plástico. Em sintonia com a poética de António Maria Lisboa, o estudo das “Meninas Poesia” de Mário Cesariny, evidencia nestas representações a afirmação da identidade poética do artista, assumida como expressão e realização integral do indivíduo que reúne em si a multiplicidade, catalisadora da expansão na totalidade.

*Palavras-Chave: António Mário Lisboa, Mário Cesariny, Corpo reconstituído, “Meninas Poesia” Poesia, Pintura*

## ABSTRACT

Taking as a reference the thought of António Maria Lisboa - namely the articulation of the notion of Poet with that of Magician of the alchemical and esoteric tradition aspiring to the absolute knowledge, as well as the union and reunion with Sagir i.e., the Mother Women - are identified in the plastic work of Mario Cesariny territories of convergence, centered on the problematic of the reconstituted body, revealing a transmigration from the poetic to the plastic. In line with the poetics of António Maria Lisboa, the study of the “Poetry Girls” by Mário Cesariny, shows in these representations the affirmation of the poetic identity of the artist, understood as a unifying dimension, that congregates in itself the multiplicity.

*Keywords: António Mário Lisboa, Mário Cesariny, Reconstituted Body, “Poetry Girls”, Poetry, Painting*

## O POETA OU O MAGO E A ASPIRAÇÃO AO CONHECIMENTO ABSOLUTO

Obra poética de António Maria Lisboa (Lisboa, 1928-1953) sobressai no panorama do Surrealismo português como afirmação de um pensamento que se pretende constituir como um novo modo de pensar e de agir. Em sintonia com os princípios fundamentais do Surrealismo, António Maria Lisboa procurou estruturar e fundamentar uma outra forma de realização mental, assumidamente poética, que conduzisse à expressão e realização total do indivíduo, constituindo-se como referência fundamental para artistas como Mário Cesariny (Lisboa, 1923-2006).

Ao longo da sua obra literária, que compreende textos de cariz poético e teórico, António Maria Lisboa mantém a aspiração na conquista poética da verdadeira existência: o ser realizado na sua totalidade, integrado numa dimensão cósmica, conducente à transformação e enriquecimento do indivíduo e da sociedade.

Perfeitamente enquadrado na proposta surrealista, António Maria Lisboa assume uma posição firme de oposição e revolta contra os valores morais, estéticos e religiosos impostos por uma sociedade que, segundo o autor, impossibilita o conhecimento profundo do indivíduo, limita e reprime os seus desejos mais íntimos, restringe a experiência pessoal e o contacto íntimo com os outros, sufoca a imaginação, a sensibilidade e a ação do ser individualizado. Assim, face à falta de perspectivas, à ausência de Liberdade e de Amor, o autor defende a “dissolução”, como única forma de ação, no sentido da destruição e realização de um novo objeto, uma nova forma de pensar e agir. António Maria Lisboa mantém a convicção na necessidade de uma outra linguagem, distinta da linguagem comum, que manifeste ou revele a voz profunda do Corpo, proporcionando ao indivíduo a realização da unidade, um conhecimento de si próprio e do ritmo universal. Neste sentido, o Pensamento Poético - o único interessado na realidade como um todo - assumido como afirmação individual onde cada um se confronta com a sua interioridade, responde à necessidade de expressão e realização total do ser: descobrir todas as suas capacidades e agir no sentido do seu próprio enriquecimento.

Para António Maria Lisboa a confirmação da existência deste Universo e a descoberta e exploração das suas potencialidades impõe-se como uma conquista individual, distinta dos interesses coletivos de ordem social, político ou religioso. Assim, só através da afirmação individual, onde cada um se confronta com a sua própria interioridade, é possível alcançar o “Grande Desígnio”, a conquista da Liberdade e do Amor:

Eu sei que é precisamente pela contribuição individual que se consegue o Grande Desígnio a que todo o Homem em princípio se propõe: Viver Livre! E a conquista da Liberdade e do Amor são indubitavelmente conquistas individuais e só como indivíduos as podemos fazer.

De forma semelhante, em Afixação Proibida, o autor, juntamente com os outros elementos do grupo, reafirma o saber, “a total compreensão poética do Cosmos”, como conquista individual: “Porque o saber não é um dom que um possa entregar e outro receber passivamente, antes uma conquista que cada um deve fazer e refazer por conta própria.”

Neste sentido, o “Movimento Poético”, surgido no espírito e concretizado na ação - opondo-se aos interesses da sociedade moderna - surge como resposta ao desejo profundo do indivíduo, “a necessidade de expressão total e de total realização, de Amor verdadeiro e Livre”. O Pensamento Poético, opondo-se ao pensamento religioso e científico, impõe-se como o único interessado na



realidade como um todo e não de forma parcelada.

António Maria Lisboa reforça a ideia de uma pluralidade existencial. Dado que tudo na realidade se confronta com a sua negação, “tudo é e não é alternadamente, ou tudo é o mesmo com aspetos diferentes”. Só através da própria experiência “íntima-social-pessoal”, adquirida espontaneamente desde a infância e projetada ao longo da existência, se consegue aceder à totalidade do Real:

A nossa experiência é a nossa única riqueza [...]. Toda a vida, todo o pensamento só são válidos desde que fundidos pela nossa experiência. Mais, toda a ação de vida, e, portanto, todo o pensamento, só é, digo: só existe, dada a nossa experiência íntima-social-pessoal. Não são válidas as fórmulas de vida que não sejam as próprias e espontâneas adquiridas por nós desde que começamos a mamar.

No mesmo sentido, André Breton, no Segundo Manifesto do Surrealismo afirma que só através da ação individual, entendida como uma procura interior, se pode tentar o “supremo reconhecimento” desse “lugar mental”, revelador da totalidade do espírito, onde tudo deixa de ser contraditório.

O Pensamento Poético, assumido como expressão individual, é o único que possibilita a experiência da unidade e do absoluto. A longa viagem interior à primeira infância, que todos são convidados a fazer, revela os “detalhes esquecidos” conduzindo o indivíduo à solução dos seus problemas: O encontro com a Mulher-Mãe, entendido como revelação de uma existência unificada, confirma no indivíduo a existência da unidade e do absoluto: “Seja-me permitido, uma vez por todas, apontar a Grande Lenda que encerra a Chave da ação deste universo.”

Porém, o Homem por falta de oportunidade ou de coragem para agir é constantemente confrontado com a impossibilidade de aceder a este conhecimento, “move-se numa redoma fechada, não sabendo o que existe para além do vidro baço”. As condicionantes económicas e sociais vieram “acabar com o que de Grande existia em cada um e generalizar o que de mais mesquinho cada um pode comportar”. Impossibilitado de exprimir os seus desejos e vontades, de se relacionar intimamente com as coisas e as pessoas, não consegue ler os sinais que lhe chegam constantemente do exterior, como indício da existência de uma realidade oculta:

Quase tudo nesta época encobre e sufoca o que em nós anda à flor da pele, o que conosco anda à superfície, digo: no contacto com os outros: - a nossa experiência pessoal, os nossos desejos mais íntimos, o ato espontâneo, livre e amoroso!

Neste sentido, na perspetiva do autor impõe-se uma “mudança de Rumo em TODOS e em TUDO”, a começar em cada um individualmente. A questão central será: “Até que ponto pode chegar um homem desesperado quando o ar é vômito e nós seres abjetos?”. Só a “posição de abjeção, de desespero irremediável”, entendida como ação individual, pode conduzir o Homem à única atitude que ainda lhe é possível: “SOBREVIVER, mas sobreviver LIVRES”. No mesmo sentido, André Breton refere o “desespero humano” como legitimação para a revolta absoluta, a insubmissão e a violência.

O Poeta, liberto de todas as contingências sociais, morais ou religiosas, dissolve-se e reconstrói-se no encontro com os outros: “Em todos os momentos se desconhece e em todos se reconhece.” O movimento compreende uma dinâmica de dispersão e convergência, entre a pluralidade e a unidade, que se renova continuamente.

No mesmo sentido, numa carta, o autor refere-se aos Poetas como os “únicos filósofos” capazes de saber e comunicar o que falta ao Homem para conquistar o autoconhecimento que o conduza à compreensão do Universo: “à «fixação da realidade» prefere-se uma cada vez mais funda e vertiginosa,

mais funda e vertiginosa, mais funda e vertiginosa conquista do conhecimento do homem que o mesmo é dizer do Universo, pois este é a projeção do Homem e o Homem a Concreção do Universo a um Ponto.” O Homem expande-se no universo e o universo unifica-se no Homem.

António Maria Lisboa recupera o grande propósito surrealista, anunciado no Segundo Manifesto, a definição de um certo “ponto no espírito”, um lugar de convergência onde tudo deixe de ser entendido como contraditório. André Breton anuncia o supremo reconhecimento desse “lugar mental”, revelador da totalidade do espírito, como uma “descida vertiginosa” à interioridade do ser, “a iluminação sistemática dos lugares ocultos e o obscurecimento progressivo dos outros lugares, o perpétuo passeio em plena zona interdita.”

A Poesia, entendida como “exercício de penetração” da realidade, transcende a emoção ou os sentimentos comuns para se afirmar como uma “nova fonte emocional dissolvente de ideias: um novo objeto!” A dissolução é a única forma de ação do Poeta, no sentido da destruição e realização de uma outra sociedade. Ao Poeta impõe-se o esforço de dar o real sentido às palavras, “não para recriar a língua, mas para encontrar onde rica e capaz resta oculta a forma pura de sonorização do corpo.”

Em Operação do Sol, António Maria Lisboa reforça a necessidade de uma outra linguagem, que integre o corpo, que traduza ou manifeste a sua voz profunda: “não esta que serve para comunicar e é uma aderência estranha ao Corpo [...], mas aquela que é completação do próprio Corpo, que é sua manifestação profunda [...]”. Neste sentido já não se trata de comunicação mas de encontro, trata-se de escutar a voz profunda do Corpo.

António Maria Lisboa exalta o papel da imaginação. Só através da imaginação, concretizada num movimento dissolvente que eleve o sujeito acima dos sentidos, abrindo uma perspetiva sobre o não-humano, é possível o enriquecimento do indivíduo, a afirmação do “Corpo enriquecido”:

Há a destruir não só a fé nos sentidos, mas aniquilar as possibilidades de êxito destes, há que ir para além dos sentidos num salto que nos levará para onde não se diferenciem, onde desnecessários se dissolvam no próprio Corpo enriquecido.

A Poesia, entendida como não-pensamento, impõe-se como linguagem do Corpo que proporciona ao indivíduo a experiência da Unidade, um conhecimento de si próprio e do ritmo universal: “A Negra Atividade Poética leva a criar entre o Indivíduo e o Cosmos um corredor livre e por ele um movimento incessante de enriquecimento comum.” Assim, face à falta de perspetivas, à imposição de valores morais, à ausência de Liberdade e de amor, o grande desafio que se coloca ao Homem é “tentar a sua própria unidade”. Descobrir todas as suas capacidades e agir no sentido do seu próprio enriquecimento.

António Maria Lisboa propõe a “participação”, entendida como dinâmica interativa entre o sujeito e as coisas, “onde somos simultaneamente nós e as coisas”, como a única forma de conhecimento. O acesso a este conhecimento implica necessariamente a dissolução das outras formas de pensamento e a afirmação de uma “verdadeira forma de realização mental”: a Metaciência.

Numa carta, já citada, o autor afirma a Metaciência como a ciência que resulta da síntese das chamadas “ciências ou artes mágicas”, destituídas de todas as pretensões ridículas e falsas. A Metaciência, apoiada no pensamento mágico e esotérico, assume-se como o verdadeiro conhecimento, reunindo ou congregando numa única ciência os conhecimentos dispersos. Neste sentido, possibilita ao Poeta ou Mago a realização e expressão total, a recuperação de todas as suas capacidades e a confirmação do seu lugar num Universo “UNO E MÁGICO”:





A Metaciência pretende entre outras coisas dar ao homem, ao Poeta a sua posição no Centro da Esfera deste Universo, que o mesmo é dizer fazer que o Poeta possua no seu cérebro todos os raios da esfera deste universo. O poeta é portanto um Mago - possuidor das forças das coisas superiores e das coisas inferiores que se dermos uma volta à esfera trocam de posições.

Em Introdução ao Estudo Sistemático de Malaquias António Maria Lisboa apela para o saber medieval dos primeiros homens da ciência, que tinham como objetivo o conhecimento absoluto: “[...] precisamente aqueles que não conhecem as limitações do que quer que seja, melhor: aqueles que conhecem as limitações de tudo e tudo transmutam libertando novas forças, forçando outras.” Saber e conhecer tudo, numa ação necessariamente individual, significa regressar à “potenciação”, a um estado inicial onde tudo é possível.

Ao realizar a unidade o Homem expande-se e polariza-se na totalidade do Cosmos: “Agrada-me profundamente saber que eu estou num ponto do Universo que necessita de ser esticado para o lado de fora, quero dizer: para a minha frente. Se rebentar é a minha profunda aspiração que foi satisfeita!

A obra poética de António Maria Lisboa, muito próxima dos fundamentos do Surrealismo - apoiada nas fontes ocultistas e esotéricas - revela a aspiração a um saber absoluto, que unifique o Homem realizando-o em toda a sua plenitude. Na perspetiva do autor só através do Pensamento Poético - o único capaz de considerar a realidade na sua totalidade - assumido como afirmação individual onde cada um se confronta com a sua interioridade, é possível alcançar o grande desígnio: a conquista do autoconhecimento conducente à compreensão do Universo.

A proximidade do Poeta ao Mago da tradição alquímica confirma o poeta como ser de exceção, capaz de transmutar o real libertando e gerando novas forças, conducentes ao seu próprio enriquecimento mas também passíveis de despertar nos outros uma consciência poética, promotora da ação e da transformação.

#### O REENCONTRO COM SAGIR, A MULHER-MÃE OU A CONCREÇÃO DO CORPO

Na obra de António Maria Lisboa o Feminino, em particular a problemática da mulher mãe, impõe-se com temática estruturante. O encontro e união com a Mulher-Mãe, entendida como materialização de uma existência oculta, enriquecida e habitada - revelada através do Pensamento Poético - significam a reconstituição do corpo uno.

Em Isso Ontem Único, António Maria Lisboa faz a exaltação poética da Mulher-Mãe, entendida como dimensão primordial de unidade que se pretende recuperar. Após a separação ou dissolução de uma existência unificada, persiste a memória oculta de um corpo partilhado e o desejo de o reencontrar. Os indícios dessa existência oculta, de uma união primitiva com a Mulher-Mãe, encontram-se implícitos “em todo o mundo visível”:

Persisto na noite que nasceu para além dos olhos, no vento que fundiu a planície, igualmente em todo o mundo visível, em tudo que me toca e resplandece alargando-me até ao infinito onde estão os teus olhos de Mulher-Mãe, Magnífica na tua veste de cabelos!

A revelação deste Universo, anunciado por palavras mágicas, exige da parte do indivíduo a oposição violenta a uma existência falsa que nega o Amor e a Liberdade: “FALSA a nossa vida sabotada no pasmo em que vivemos, na negação do que nos é mais grato - O AMOR prevista a LIBERDADE.” Atingido o plano Surreal, num esforço que implica a afirmação da própria vida, é finalmente possível

o reconhecimento dos indícios e sinais que conduzirão ao encontro desejado, ao regresso da Mulher-Mãe:

Virás ao saber da existência do Surreal quando os homens furiosamente afirmarem a sua vida, quando das paredes derruídas vêm palavras estranhas e preveem o futuro e hieróglifos inscritos nas paredes dos túmulos te indicam [...]. Sem sabermos um do outro ambos nos procuramos no labirinto.

Alcançada a existência pretendida, ultrapassada a barreira da matéria, tudo deixa de ser entendido como contraditório, porque tudo é simultaneamente afirmação e negação. A impossibilidade ou negação de tudo determina a possibilidade do encontro: “Procura-me quando a morte for impossível e já não seja possível viver - quando já nada for possível SAGIR!” . O encontro e união com SAGIR, a Mulher-Mãe, possibilita a intuição de uma existência unificada, reflexo da unidade com a totalidade do mundo visível:

Nós Amor! Que existes porque existo e existimos para além das montanhas de mar que nos cercam, para além da noite, para além de ti, do corpo que formamos, síntese de toda a poesia feita. Dedico-te este poema para existires integral, completa, real como o objeto que não se nega, como o invisível, como o universo onde vivemos separados-unidos para sempre - REAL e LIVRE! [...] Mulher-Mãe sabemos! / Magnífica a misteriosa sedução do nosso amor

Na poética de António Maria Lisboa a mulher encarna a totalidade do mundo natural em toda a sua extensão e infinitude: “[...] perder-te a ti Infinita / construída de estrelas, de nuvens, de oceanos, de pérolas esquecidas /construída de histórias de corsários loucos.”

A identificação da mulher com a totalidade do mundo natural, numa continuidade com a tradição romântica, é transversal ao surrealismo. Está implícito no projeto surrealista de reconquista da totalidade do mundo objetivo. Em *Les Vases communicants*, André Breton refere-se à mulher como “pedra angular do mundo material”, promessa de redenção e salvação:

J' étais, dis-je, dans l' état d' un homme qui, croyant avoir tout fait pour conjurer le sort contraire à l' amour, devait se rendre à cette évidence que l' être qui lui avait été longtemps le plus nécessaire s' était retiré, que l' objet même qui, pour lui, avait été la pierre angulaire du monde matériel était perdu.

A união com a mulher realiza a união com o mundo natural na sua totalidade, para uma reconciliação total, isto é uma concordância perfeita entre o desejo inconsciente e o mundo exterior. Em *Poisson soluble* e em *L' Union Libre* a natureza e a mulher confundem-se continuamente:

Ma femme à la chevelure de feu de bois / Aux pensée d' éclairs de chaleur / A la taille de sablier / Ma femme à la taille de loutre entre les dents du tigre [...] Ma femme aux yeux de bois toujours sous la hache / Aux yeux de niveau d' eau de niveau d' air de terre et de feu.

No mesmo sentido, para António Maria Lisboa o Amor é a força impulsionadora que conduz o Homem “à perda total” e à intuição da Unidade e do Absoluto. Na ambição da “perda total” está implícita a ideia da desmaterialização e reintegração do ser na totalidade do mundo natural.







O Mar, substância indiferenciada que contém em si uma infinidade de possíveis, com todo o seu esplendor e potencial destrutivo, é a metáfora do Amor e do Materno: “RAOMOMAR / O teu corpo envolvente vestido de água / os teus braços em túnel que trazes desde a infância”. O Mar, identificado com Ísis - a Mulher-Mãe, é o lugar de síntese, o território propício à transformação; desmaterializa, dissolve e incorpora o ser, integrando-o numa dimensão una: “RAOMOMAR / amor sem nexos, amor contínuo, amor disperso – MAR / [...] Ísis a mulher de Osíris – a realidade misturada no MAR.” No mesmo sentido, em Introdução ao Estudo Sistemático de Malaquias [...], Ísis - a Mulher-Mãe, a deusa egípcia da maternidade “o ser que sabe e age em oposição ao ser passivo ao mito da virgem”, que incorpora e ressuscita o corpo de Osíris, materializa a realização completa do corpo. O encontro e união com a Mulher-Mãe, entendido como recuperação de uma experiência sensorial oculta de unidade psíquica e corporal, significam a “concreção do corpo”, isto é, a dissolução e solidificação num só corpo.

Será o mágico por oposição ao místico: consciência mágica de raízes fundas no CORPO CELESTE. Ísis é mãe! É Mulher-Mãe. É Mãe o Universo, não por parir mas por gestar: a concreção do corpo que se organiza por desejo próprio e não por imposição alheia.

À semelhança do processo alquímico, a união dos princípios masculino e feminino, resultado da dissolução e fusão dos elementos, significa o regresso à indiferenciação primordial, exprime-se como sendo um retorno à matriz, ao estado embrionário. O ventre feminino surge como dimensão primordial de unidade de onde tudo emana e para onde tudo converge, o lugar ideal onde o princípio masculino se corporiza e onde tudo toma forma:

Por fim, no fim, é Olímpia que o olha não podendo acreditar em tudo que se passou. Mas Olímpia, é ele, o Malaquias que também não pode acreditar – ser onde tudo está pronto a tomar forma, onde tudo está a tomar forma: no ventre de Olímpia o princípio de Malaquias corporiza-se.

De forma semelhante, Erro Próprio descreve o retorno a uma existência intrauterina, concretizado na “materialização dos NOVOS e MAGNÍFICOS AMOROSOS”, portadores da “Verdadeira Vida” conducente à transformação e enriquecimento do indivíduo, à “reconquista de Universos Ignorados”.

O desenho espontâneo e inusitado de duas figuras num papel marca o início da viagem que conduzirá o narrador de regresso à infância e ao reencontro com a Mulher-Mãe. A transposição de uma série de passagens e obstáculos culmina com a entrada num “túnel profundamente escuro” - metáfora do útero materno - um túmulo reconhecido onde os sinais começam finalmente a fazer sentido:

Conforme ia andando, uma luz azul-cinzenta, muito fraca ao princípio depois mais intensa, iluminava as paredes do túmulo [...]. Em certa altura reparei em sinais gráficos que nas paredes se distinguem e que só eram idênticos aos por mim feitos insistentemente nas margens de certos livros [...].

Por fim, a descida ao “enorme e maravilhoso Lago” de águas brilhantes, simultaneamente opacas e límpidas, concretiza o regresso à substância materna, a uma existência intrauterina:

[...] à saída do túmulo onde eu entrara, uma escada de substância desconhecida descia em direção a um enorme e maravilhoso Lago, desaparecendo nele. As águas tinham um brilho novo e desconhe-

cido. Não eram verdes nem transparentes. Eram opacas, mas límpidas. Tinham cor e luz própria. Eram como os olhos dos Apaixonados: Fulgurantes, Misteriosos e Transparentes – não porque se veja até ao coração, mas porque o coração vem até eles.

A descida culmina com o encontro da Lua e do Sol, reunidos no “Fogo dos Séculos”. A união alquímica da Lua e do Sol, dos princípios feminino e masculino, materializa a união e sublimação dos contrários, significa a realização da obra que conduz à transformação ou transmutação do indivíduo num ser mais puro. Após esta experiência o narrador, liberto de todas as contingências, regressa a um estado de pureza original:

No dia seguinte fui encontrado perplexo e sem memória no pequeno rio, do local referido, a saltar de pedra para pedra, descalço, tronco nu e na mão esquerda um anel que um dia me será devolvido.

O anel evoca a aliança indissolúvel com a Mulher-Mãe, a confirmação de um destino comum: “Desta aventura guardo unicamente um NOME - SAGIR - A MULHER-MÃE, que unida ao homem realizará um destino idêntico”. Do reencontro com a intimidade materna resta a nostalgia de uma existência intrauterina, anterior a qualquer separação ou perda: “Tenho saudades dum Túmulo verde cravejado de lágrimas onde vivi – EU e SAGIR.”

A “materialização dos NOVOS e MAGNÍFICOS AMOROSOS”, ou seja a recuperação de uma experiência de unidade psíquica e corporal com o Feminino conducente à transformação do indivíduo, requer “a máxima preparação: quer pelo recolhimento, quer por leituras lentas, quer pela procura desesperada de novos horizontes, quer, ainda, pelo afastamento imediato da chamada vida prática; ou então, seguindo o caminho contrário, pela dispersão absoluta, pelo esquecimento de toda a sabedoria acumulada, pela exaltação da ignorância que tudo aprende”, sob a pena de se poder sucumbir ao “choque brutal” que a vinda dos “Eternos Amorosos” implica. Neste processo o Poeta, através de um olhar interior, tem de estar atento a “toda a espécie de influências estranhas” que impossibilitem a concretização dos seus “desejos e vontades”, mas também ser capaz de ler os sinais e indícios que lhe chegam como resposta aos seus problemas, orientando-se num “emaranhado invisível” de símbolos:

[...] um alerta contínuo contra toda a espécie de influências estranhas dirigidas contra os nossos desejos e vontades. [...] Cada uma das nossas atitudes é uma resposta aos problemas da nossa própria vida e um Anzol lançado ao Destino – toma cuidado, pois, com o emaranhado invisível que te cerca e te dirige!

Em Afixação Proibida, António Maria Lisboa, juntamente com Henrique Risques Pereira, Mário Cesariny e Pedro Oom, sintetizam a atividade poética como um ato involuntário, “como explosão acontecida no mais profundo do Ser”. Na interioridade do ser reside o “Banco da Poesia – energias de instintos, previsões, tendências, sentimentos, recalques, imagens remotas ou recentes”, suscitadas e reveladas no encontro do poeta com o exterior, como indícios do seu Futuro: “Em vários momentos, o Poetas reconhece nas conchas, nas escavações e nas fibras vegetais essa matéria especificamente subversiva que tem a Cor do Futuro.”

No mesmo sentido, em L'amour Fou, André Breton lembra que a “vida quotidiana é fértil em pequenos achados” que escondem em si a solução para os problemas. O desafio principal que se





coloca ao indivíduo é saber orientar-se no “labirinto”, na “floresta de indícios”: “Apenas existe delírio de interpretação quando o indivíduo mal preparado se assusta no meio desta floresta de indícios.” André Breton salienta o “papel catalisador do achado”, como promotor do reencontro. O achado não realiza imediatamente o desejo, torna possível a sua concretização. Breton afirma que só no achado nos é permitido reconhecer o “maravilhoso precipitado do desejo. Só ele tem o poder de engrandecer o universo, de o fazer renunciar em parte à sua opacidade, de nos desvendar as suas extraordinárias qualidades recetivas, proporcionais às inúmeras exigências do nosso espírito.”

Em Erro Próprio, António Maria Lisboa clarifica a relação do poeta com a realidade envolvente. O Poeta, liberto de todas as contingências sociais, morais ou religiosas, dissolve-se e reconstrói-se no encontro com os outros: “Em todos os momentos se desconhece e em todos se reconhece.” O encontro e relação com o objeto amado, assumido na sua multiplicidade, despertam no Poeta a reminiscência de um “amor-único”: “Ao AMOR-MÚLTIPLO antecede-lhe o AMOR-ÚNICO e a este corresponde-lhe o encontro do múltiplo.” O movimento compreende a polarização da unidade primordial e a reintegração das polaridades num só corpo:

“O movimento faz-se entre dois polos para se encontrar num. PONTO NEVRÁLGICO ONDE COINCIDEM O AMOR MÚLTIPLO E ÚNICO.

A realização ou término do movimento natural encontra continuidade na procura e reencontro com Sagir, a mulher-mãe, também ela entendida como síntese ou unificação da pluralidade, numa proximidade com a poética bretoniana. No final de Nadja a revelação do ser amado corresponde ao culminar de um movimento de substituição de pessoas, paralelo ao percurso existencial do autor, que consagra o amor único como ponto de convergência, ou término desse movimento:

Tout ce que je sais est que cette substitution de personnes s`arrête à toi, parce que rien ne t`est substituable, et que pour moi c`était de toute éternité devant toi que devait prendre fin cette succession d`énigmes.

A realização do amor único contribui para o “avanço do mundo”, possibilita a expansão e libertação do indivíduo, potenciadora da transformação da sociedade: “A recriação, a recolocação perpétua do mundo num único ser, ilumina, com os seus mil e um raios, o avanço do mundo.”

Para António Maria Lisboa o Amor é também, indiscutivelmente, a força impulsionadora de toda a ação. O amor proporciona ao indivíduo a consciência do absoluto, segundo a citação de Eliphaz Levi, referida pelo autor: “O amor dá à alma a intuição do absoluto, porque é por si mesmo absoluto ou não existe”. A união primordial com a Mulher-Mãe, o “Amor-Único”, entendido como expressão da Unidade e do Absoluto, persiste como referência e condição para o desejo e o amor, proporcionado ao indivíduo a solução para os seus problemas:

O ser que cada um de nós deseja existe porque a nossa mãe existiu e existiu Noiva Rainha, porque de cada vez que se possui a Natureza Petrifica-se, porque o calor do nosso amor é o Fogo do Princípio do Mundo, os Sinais Gráficos da Cabala, os Mistérios da Magia, a Fusão Esotérica e Real! Na conquista de ti conquisto todos os meus problemas e a maneira como os encaro é idêntica à como te encaro a ti!

O amor, reflexo de uma existência unificada, conduz o indivíduo ao seu próprio conhecimento e ao conhecimento dos ritmos do Universo. Através do amor o “Intimismo de Cada Um é o Intimismo

Universal”. Na atitude e ação do poeta transparece a existência desse “Mundo íntimo e Rico”, um mundo “habitado e harmonioso”, continuamente ameaçado pela vida comum: “Viver estranho e isolado num mundo que pretendia habitado e harmonioso é viver suicidado, viver morto-vivo num mundo de nado-mortos.” A conquista deste Universo, da liberdade e do amor, é o desafio que, segundo o autor, todos individualmente terão que empreender.

Em Alguns Personagens, António Maria Lisboa reafirma o papel amor na unificação do indivíduo. A consciência da polaridade da existência, “não já só terrena, mas universal, não já só dum tempo, mas de muitos tempos leva à exigência duma completação”, à procura de uma existência unificada. O encontro inevitável com o Amor “refaz assim toda a sorte de vidas, de experiências passadas, num esforço de concreção”. Neste sentido, o encontro e unificação dos contrários, a união do masculino e do feminino, deve “tender para um denominador comum – que não é a dessexualização ou assexualização mas integração dos opostos da realidade num ser mais rico.”

A união do Homem e da Mulher anuncia um novo ser integrado numa existência Cósmica, capaz de se orientar “no enredo absurdo da realidade”. Ao Poeta impõe-se o esforço de dar o real sentido às palavras, “não para recriar a língua, mas para encontrar onde rica e capaz resta oculta a forma pura de sonorização do corpo.” O autor reforça a necessidade de uma outra linguagem que integre o corpo, que traduza ou manifeste a sua voz profunda.

Em Operação do Sol, António Maria Lisboa clarifica estas questões. À semelhança de Erro Próprio, que relata o encontro ou a “materialização dos Novos e Magníficos Amorosos”, a Operação do Sol descreve igualmente a aventura ou experiência do encontro, inscrita no Corpo como uma tatuagem, conducente à transformação e enriquecimento do indivíduo:

Operação do Sol é uma tatuagem; não foi só um jogo intelectual, mas aventura de que todo o meu Corpo participou, [...] foi sendo inscrita conforme os meus passos se provocaram e provocaram outros passos em cada momento do encontro.

À semelhança dos textos anteriores, António Maria Lisboa propõe o Amor, entendido como processo de conhecimento, como único sentido. Conhecer implica simultaneamente a posse e a transformação da realidade numa outra realidade, propiciadora da transformação do indivíduo. No encontro com o mundo exterior, numa dinâmica que implica “receber e dar” o indivíduo recupera uma experiência íntima de unidade: “Não existisse este mundo extenso e rico no exterior de mim e eu não seria o exterior deste Mundo - tudo seria um mundo interior do qual eu seria interior [...] há um mundo exterior onde habita Sagir para que nos amemos – o Cosmos, as Estrelas, o Centro da Terra, as nossas mãos unidas.” A procura e reencontro com Sagir, a Mulher-Mãe, é a expressão da liberdade e do “amor profundo”, a confirmação de uma existência una:

O que amo está presente. Amo um ser que é meu, não só este que mantenho através de um caminho de represálias, como aquele outro que se mantém – SAGIR.

O “Amor único” é a força convergente no sentido da unidade, o “caminho dissolvente” para a reconstituição do corpo uno e a fusão com o Universo: “É este Amor único que me diferencia e todos os meus atos e todo o trama de que sou objeto íntimo é o caminho dissolvente desse “meu-ser” e deste “eu-ser”.

No mesmo sentido, em Introdução ao Estudo Sistemático de Malaquias [...], António Maria Lis-



boa reforça a importância do “encontro” para a descoberta e revelação de tudo o que permanece oculto. O “encontro” ou relação que o sujeito estabelece com as coisas e as pessoas, onde “umas são as outras ou vêm a sê-lo”, determina a chegada aquilo que o autor designa como a “Maior Consciência”, uma dimensão onde os extremos se tocam. Nesta dimensão o sonho é entendido como um processo de consciência que possibilita a destruição e dissolvência do real:

O sonho é atividade central de que o homem tem vindo a arredar-se sempre embora sempre compelido a suportá-lo. Ele é consciência. É profunda consciência [...] Ela mesma ação de destruição de dissolvência, de propagação do real.

O autor utiliza a expressão “consciência da consciência” para designar aquilo que seria a “pura ação de consciência”, ou seja, “sentir no seu íntimo o íntimo dos outros”. O sonho, entendido como “força dissolvente” introduz o pensamento poético, expressão lírica e teórica de uma outra forma de pensar e de sentir, que permite não só a percepção correta da realidade mas também a possibilidade de a corrigir e enriquecer, através da “ligação e encontro entre os corpos”. A ligação e aproximação constante aos outros revela outras possibilidades de vida, a percepção “desse mundo complexo e complexado que nos é entregue como herança duma experiência múltipla”. António Maria Lisboa reafirma o amor como processo de reconhecimento, no sentido da “realização completa do corpo”: “O AMOR É UM SENTIDO!”. Revelado o desconhecido, “descoberto e dissolvido o que interferia com o destino”, o homem reencontra o seu “princípio”, a confirmação de uma existência una.

Neste sentido, a “realização completa do corpo” implica o reconhecimento e recuperação de uma experiência sensorial oculta de unidade psíquica e corporal: A união primitiva com a Mulher-Mãe representa a “concreção do corpo”, isto é a dissolução e solidificação num só corpo. À limitação dos desejos e vontades, à sufocação da imaginação e do ser individualizado, o autor contrapõe “o profundo conhecimento do corpo Habitado”: “Opormo-nos a um necessário cada vez mais profundo conhecimento do Corpo Habitado é permanecer sentado num ouriço”.

Ao longo da obra de António Maria Lisboa, o Feminino persiste como lugar de permanência, como expressão totalizadora e integradora, potenciadora da unificação e expansão do indivíduo na totalidade. Na procura da verdadeira existência, o reencontro e união com SAGIR, a Mulher-Mãe, significa a confirmação de uma existência unificada, integrada numa dimensão cósmica.

#### O CORPO ENRIQUECIDO OU A RECONSTITUIÇÃO DO CORPO UNO

A poética e plástica surrealista traduzem frequentemente na sua praxis a aspiração à totalidade do ser, materializada na união ou conciliação das polaridades, conducente à libertação de todas as contingências do indivíduo e reintegração numa harmonia universal.

A obra literária de António Maria Lisboa, em sintonia com o pensamento surrealista, mantém a convicção na conquista poética de uma existência enriquecida, concretizada numa outra forma de pensar e de agir, que proporcione ao indivíduo a realização da unidade. Nesta perspetiva, o reencontro com o Feminino, significa a recuperação da verdadeira identidade: a confirmação de uma existência unificada integrada numa dimensão cósmica, potenciadora da transformação do indivíduo e da sociedade. Para António Maria Lisboa o encontro e união com Sagir a Mulher-Mãe, entendido como recuperação de uma experiência sensorial oculta de unidade psíquica e corporal, significam a “concreção do corpo”, isto é, a dissolução e solidificação num só corpo, expandido e realizado na totalidade. O “esforço de concreção”, a união do masculino com o feminino, materializa a realização

completa do corpo, a “integração dos opostos da realidade num ser mais rico.”

A obra plástica e literária de Mário Cesariny, em sintonia com o pensamento de António Maria Lisboa, expressa a procura de uma identidade poética, reflexo do ser enriquecido que concentra em si a multiplicidade, assumido como expressão e realização integral do indivíduo. Perfecto Cuadrado, em Palavra/ Imagem: Confluências, identifica na obra do autor “um projeto (realizado na medida do humano) de totalidade”, concretizado na convergência da expressão plástica e verbal. O picto-poema Como um Ser Inorgânico (Fig. 1) - obra que integra numa mesma unidade compositiva e significativa excertos do texto Operação do Sol de António Maria Lisboa e elementos visuais - evoca a reintegração do ser, expandido na sua totalidade, numa unidade cósmica. A composição distingue-se não só pela clareza cromática e simplificação da execução, sem recurso a valores matéricos ou texturais, mas também pela redução formal dos elementos compositivos, numa aproximação às palavras de António Maria Lisboa.



Fig 1



Fig 2.

Fig. 1. Mário Cesariny, *Como um ser inorgânico*, 1956; objecto e colagem sobre madeira, 24,5 x 19,5 cm; col. particular.

Fig 2. Mário Cesariny, *Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?*, 2000; acrílico e plástico sobre lixa colada em tela, 60,7 x 49,6 cm; col. particular

No texto Operação do Sol, que se encontra na base da conceção da obra, António Maria Lisboa descreve a aventura ou experiência do encontro, conducente à transformação e enriquecimento do indivíduo. O autor defende a necessidade de uma outra linguagem, uma manifestação profunda do Corpo que vá para além dos sentidos, que proporcione ao indivíduo a experiência da Unidade, um conhecimento de si próprio e do ritmo universal. A poesia, a “Negra Actividade Poética”, possibilitará ao Indivíduo estabelecer uma ligação com o Cosmos, “um movimento incessante de enriquecimento comum.” Ao realizar a Unidade, o Homem pode finalmente afirmar-se como “Ser Inorgânico - Corpo” com uma “Existência Cósmica”. Neste sentido, António Maria Lisboa propõe o



Amor como força convergente, o “caminho dissolvente” para a reconstituição do corpo uno e a fusão com o Universo.

Mário Cesariny aproxima a ideia do “Ser Inorgânico”, integrado em toda a sua extensão e pluralidade numa “Existência Cósmica”, à imagem do círculo ou da esfera. António Maria Lisboa, numa carta endereçada a Mário Cesariny, onde clarifica a sua posição relativamente à Metaciência, recorre à imagem da esfera para ilustrar a posição do poeta ou do Mago - detentor de todos os poderes e capacidades - no “Centro da Esfera do Universo”: “A Metaciência pretende entre outras coisas dar ao homem, ao Poeta a sua posição no Centro da Esfera deste Universo, que o mesmo é dizer fazer que o Poeta possua no seu cérebro todos os raios da esfera deste universo.” Ao conquistar o auto-conhecimento o Homem expande-se no Universo e o Universo unifica-se no Homem “pois este é a projecção do Homem e o Homem a Concreção do Universo a um Ponto.”

Numa composição mais recente (Fig. 2), Mário Cesariny recorre a uma solução cromática e formal semelhante para colocar uma série de questões existenciais: “Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?” À semelhança da composição anterior a esfera, signo da unidade e do absoluto, de onde tudo provém e ao qual tudo retorna, expressa a convergência do múltiplo ao uno ou inversamente a expansão ou dispersão da unidade.

A afirmação do Poeta, entendido como ser enriquecido que reúne em si a multiplicidade, potenciadora da expansão do indivíduo e da sociedade, é um dos traços marcantes da obra de Cesariny. A produção plástica é pautada em toda a sua extensão pela presença de características figuras femininas, representadas em traços esquemáticos, com corpo tendencialmente triangular e com cabeça em forma de estrela, sol ou flor, apresentadas segundo a lei arcaica da frontalidade.

Estas figuras, que atravessam a sua obra de uma forma quase inalterável, surgem como uma metáfora do próprio autor: a afirmação de uma identidade poética, assumida como afirmação do ser unificado, realizado em toda a sua extensão.

Em desenhos pertencentes a uma fase inicial, dominada pela experimentação matéria (Figs. 3, 4 e 5), são já visíveis figuras femininas com corpo tendencialmente triangular e cabeças em forma de cone ou de estrela, representadas de forma simplificada, juntamente com outros personagens.



Fig 3

Fig. 3. M. Cesariny, *Sem título, n.d.*; esferográfica, aguada e lápis de cor sobre papel, 21,5 x 15,5 cm; col. particular; Fig. 4. M. Cesariny, *Sem título, n.d.*; esferográfica e café sobre papel, 16 x 14,5 cm; col. particular, e Fig. 5. M. Cesariny, *Sem título, 1955*; tinta-da-china, aguada e verniz sobre papel; 16,5 x 16,5 cm; col. particular.



Fig 4



Fig 5

Esta representação que o autor designa como “Menina Poesia” ou “Menina-Sol” e que se mantém quase inalterável ao longo da sua obra, torna-se numa imagem identificativa do universo simbólico do autor. De uma forma explícita, nas portadas das janelas do seu atelier (Figs. 6, 7, 8), Cesariny representa um rosto no característico corpo triangular, como afirmação da sua identidade poética. Em baixo pode ler-se a frase: “Cesariny was here 1972”. Ao lado (Figs. 6 e 8), numa composição monocromática, uma outra figura feminina com cabeça em forma de Sol e com uma varinha ou bastão numa das mãos, recorrente noutras composições, reforça a identificação do autor com esta imagem.

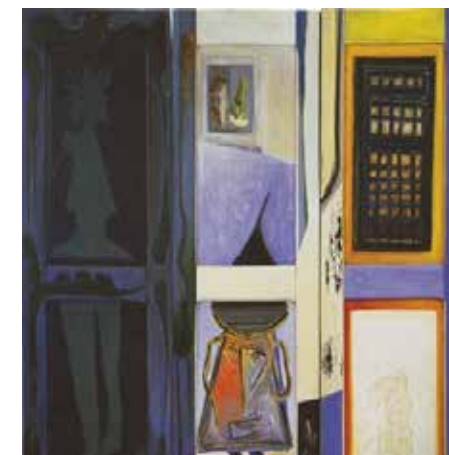


Fig. 6, 7\*(detalhe) e 8\*\*(detalhe) - Mário Cesariny, *Portadas das janelas do atelier do pintor (frente), 1972*; acrílico sobre madeira; 106,5 x 124,5 cm; col. Galeria Neupergama.

Naniôra, uma e duas (Fig. 9), expressa de forma clara a multiplicidade do ser e a convergência da dualidade no corpo uno. A composição, a têmpera e verniz, representa uma paisagem marinha, azul noturno, marcada pela presença de duas figuras femininas com o característico vestido, apresentadas em posição frontal, com cabeças em forma de estrela-sol, búzio ou pássaro. A densidade matéria e formal, com recurso a incisões e raspagens, conferem à composição profundidade, dinamismo e intensidade expressiva, enquanto o predomínio do azul mergulha a composição numa peculiar tranquilidade.

O título, Naniôra, uma e duas, sugere simultaneamente a expansão ou polarização da unidade primordial e a reintegração das polaridades num só corpo. O um, imagem da totalidade, comporta o múltiplo, produz o dois. O um, origem e fim de todas as coisas, é o princípio de onde tudo emana e a onde tudo regressa, num movimento que compreende a “geração do múltiplo” e a “redução do múltiplo ao um”. A duplicidade da personagem Naniôra confirma a pluralidade do ser e anuncia a convergência ou reintegração dessa polaridade num só corpo, através da reunião e conciliação dos opostos.



Fig. 9. Mário Cesariny, *Naniôra - uma e duas*, 1960; têmpera e verniz sobre cartão, 41 x 38 cm; col. F.C. G./C.A.M.J.A.P.

No mesmo sentido, António Maria Lisboa em *Alguns Personagens*, afirma a pluralidade da existência, “não já só terrena, mas universal, não já só dum tempo, mas de muitos tempos”. A consciência da multiplicidade do ser conduz à “exigência duma completação”, à procura de uma existência unificada. O encontro com o Amor “refaz assim toda a sorte de vidas, de experiências passadas, num esforço de concreção”. A união do masculino e do feminino, resultado da integração e unificação dos opostos, anuncia um novo ser, integrado numa existência cósmica capaz de se orientar “no enredo absurdo da realidade.”

No contexto da obra literária de Cesariny, a personagem Titânia, encarna a pluralidade do ser e a sua concretização num corpo uno. No início da narrativa, o duplo nascimento de Titânia, expressão de uma natureza andrógina, significa a realização plena no múltiplo. No primeiro nascimento “não nasceu nada que se aproveitasse: aquele corpo seria o de Titânia, não era ainda o corpo de Titânia. [...] Ficou pois a nada-viva muito quietinha sobre o meio das ondas”. Finalmente, com o segundo nascimento completa-se o ser: “nasceu rapaz e chamou-se Titanim”. Por sua vez, a descrição do sonho de Titânia expressa o retorno à plenitude da unicidade fundamental, numa dinâmica que visa a redução do múltiplo ao uno. A constante mutação dá lugar ao fixo e imutável. A convergência da multiplicidade de seres num corpo comum abre a consciência a um plano de “insuportável nitidez”:

[...] Sol e Lua brilhavam reunidos, com misturados efeitos específicos. A anulação do Tempo era tão forte que Titânia desmaiou. Teve então um sonho estranho [...], Oberon Coroado, Oberon Manto Negro, Oberon de Perfil e Oberon Menino juntavam num só corpo todo o corpo de Carlos. Olhou em volta e tudo era só luz (só sombra) de insuportável nitidez (pureza). Estava noutra local; talvez outra cidade?

No mesmo sentido, António Maria Lisboa em *Erro Próprio* descreve a descida à substância materna, concretizada no encontro final da Lua e do Sol reunidos no “Fogo dos Séculos”, como uma experiência reveladora e vivificante: “Sombras sonoras envolviam-me os passos e o som de cornetas de ouro adormeciam tudo quanto ficava para trás de mim e vivificavam o que à minha frente esperava que eu passasse”. A união alquímica da Lua e do Sol, dos princípios feminino e masculino, materializa a união e sublimação dos contrários, significa a realização da obra que conduz à transformação ou transmutação do indivíduo num ser mais puro. Após esta experiência o narrador, liberto de todas as contingências, regressa a um estado de pureza original. O reencontro com a intimidade materna, revelação de uma existência oculta enriquecida e habitada, significa a reconstituição do corpo uno.

A palavra Naniôra, presente no título da composição, surge num poema de Mário Cesariny como expressão de uma morte compensadora, simpática e acolhedora: “vá lá / vá lá Mário / uma morte / naniôra”. Neste sentido a morte é entendida como revelação e introdução, não é um fim em si, mas um recomeço. A morte, liberta das forças negativas e regressivas, desmaterializa o ser reintegrando-o no princípio, na origem de tudo. A morte restitui à unidade a multiplicidade do ser.

No mesmo sentido, a morte da personagem Titânia evoca o retorno à unidade primordial. A dissolução do ser é entendida como um retorno à matriz. Nascer e morrer fazem parte do mesmo movimento. A reintegração no estado primordial significa a libertação das contingências da matéria:

Titânia vai perder-se, acabar-se, NASCER! Já se lhe foi aos poucos a memória e o sorriso. Agora é o próprio corpo que lhe desaparece: um braço, o outro, tórax, pulmões, respiração, desejo, o intervalo das pernas. No fim subsiste a fronte, alta, livre, pura, ligada por um fio ao órgão-corção que pulsa incontrolado.

De forma idêntica, António Maria Lisboa nega a existência da morte como fim absoluto. Na carta endereçada a Cesariny afirma: “A morte não existe”. Com a integração do ser numa “Existência Cósmica”, liberta das limitações da matéria, a vida e a morte deixam de ser entendidas como contraditórias, porque tudo é simultaneamente afirmação e negação. A morte surge como condição e continuidade da própria vida.



Fig. 10. Mário Cesariny, *Este é o meu testamento de Poeta*, 1994; acrílico sobre serigrafia, 65 x 48,5 cm; col. particular.







Numa obra recente de natureza autobiográfica, *Este é o meu testamento de Poeta* (Fig. 10), Cesariny recupera a característica figura feminina de corpo triangular como afirmação de uma identidade poética, assumida como expressão integral do ser. À semelhança das obras anteriores, a composição traduz a convergência da dualidade no corpo uno, numa perspectiva que denota uma influência crescente do pensamento alquímico e esotérico. Cesariny aproxima a imagem à do andrógino primordial da tradição alquímica, como expressão da plenitude da unidade original. A afirmação do corpo triangular, representado de forma rigorosa, evoca a transformação ou transmutação do indivíduo num ser mais puro. Na tradição alquímica a tríade implícita no triângulo, síntese do um e do dois, expressa a totalidade, a perfeição e a harmonia total. O triângulo evoca a conjunção ou unificação dos três princípios - enxofre, mercúrio e sal - indispensáveis para a realização da obra. À semelhança do processo alquímico, a união dos princípios masculino e feminino, resultado da dissolução e fusão dos elementos, exprime-se como sendo um retorno à indiferenciação original, à androginia primordial. Cesariny, no poema *O Regresso de Ulisses*, evoca a união primordial do masculino e do feminino, como imagem da plenitude do andrógino reconstituído:

DESDE O INÍCIO DOS TEMPOS QUE PENÉLOPE ESPERA O REGRESSO DE ULISSES.  
MAS O REGRESSO DE ULISSES É O HOMEM QUE É UMA MULHER E A MULHER QUE  
É UMA MULHER QUE É UM HOMEM.

Numa obra intitulada *Penélope corre ao encontro de Ulisses*, Cesariny transpõe para a pintura o tema da união primordial do feminino e do masculino, implícito no movimento de convergência de Penélope sobre Ulisses. Num estudo para uma escultura (Figs. 11, 12 e 13), Cesariny projecta uma personagem andrógina que integra no mesmo corpo elementos formais de natureza fálica, seios femininos e membros masculinos e femininos, conforme as indicações escritas no próprio desenho (Fig. 12).



Fig 11  
Fig. 11. Mário Cesariny, *Estudo para escultura, n. d.*; desenho a grafite e marcador sobre papel, 20,5 x 15,2 cm; col. F.C.M., *Famalicão*; Fig 12 Mário Cesariny, *Estudo para escultura, n. d.*; desenho a grafite e marcador sobre papel, 20,5 x 15,2 cm; col. F.C.M., *Famalicão*, e Fig 13 - Mário Cesariny, *Estudo para escultura, n. d.*; desenho a grafite e marcador sobre papel, 20,5 x 15,2 cm; col. F.C.M., *Famalicão*.

Em *Concreção de Saturno*, Cesariny propõe a fusão dos contrários materializada na figura do “Homem-mãe” como destino e afirmação de liberdade: “Homem-mãe / [...] O único fim que eu persigo / É a fusão rebelde dos contrários as mãos livres os grandes transparentes.” No *Manual de Prestidigitação*, o autor decompõe alguns mitos “propostos à circulação pelo autor”. Em *O Homem-Mãe* o jogo fonético das duas palavras converge para a palavra OMÂIE, que traduz a junção das duas palavras e que tem o mesmo som da palavra Homem. A sonoridade da palavra Homem tem implícito o encontro do masculino com a entidade materna.

Em *Este é o meu testamento de Poeta* (Fig. 10), a aproximação da imagem do poeta à do andrógino primordial reconstituído, expressa o ser universal realizado na sua totalidade. A coexistência de signos masculinos e femininos num corpo comum implica, não uma anulação da dualidade, mas a manutenção das contradições compreendidas sinergicamente num só corpo. No mesmo sentido, António Maria Lisboa na reflexão acerca do poeta, referida anteriormente, defende a necessidade de uma “meditação global” que conduza a uma “unificação dos contrários” sem que isto signifique uma perda de identidade. A união do masculino e do feminino, respeitando as diferenças, deve “tender para um denominador comum – que não é a dessexualização ou assexualização mas a integração dos opostos da realidade num ser mais rico”. O poeta representa este ser de exceção que, ao reunir em si a multiplicidade, passa a integrar uma “existência não só terrena mas universal”. António Maria Lisboa aproxima a imagem do Poeta ao Mago da tradição alquímica, detentor de todos os poderes e capacidades, impulsor da acção e da transformação: “O poeta é portanto um Mago - possuidor das forças das coisas superiores e das coisas inferiores que se darmos uma volta à esfera trocam de posições.” O autor aproxima a atitude do Poeta à dos Magos medievais que tinham como objetivo o conhecimento absoluto: “[...] aqueles que não conhecem as limitações do que quer que seja, melhor: aqueles que conhecem as limitações de tudo e tudo transmutam libertando novas forças, forçando outras.”



À semelhança da poética de António Maria Lisboa, Cesariny aproxima a sua imagem de Poeta à do Mago da tradição alquímica, detentor de todos os conhecimentos, em harmonia consigo próprio e com o ritmo universal. Na composição *Este é o meu testamento de Poeta* (Fig. 10), a varinha nas mãos da figura, símbolo do poder das artes mágicas, representa a capacidade de realização do Poeta, capaz de transmutar a realidade, agindo no sentido do seu próprio enriquecimento. Atrás, um pequeno poema exalta o pensamento poético de António Maria Lisboa, como linguagem subversiva e transformadora: “a poesia! a poesia! / e não este lamento / esta linha de nojo que frustra a Voz / [...]” Cesariny, num desenho (Fig. 14) dedicado ao autor, que reúne a palavra e elementos gráficos da imagética do autor, refere-se mais uma vez a António Maria Lisboa como a “Voz”.



Fig 14



Fig 15

Fig. 14. Mário Cesariny, *Voz de António Maria Lisboa*, n. d; tinta-da-china sobre papel; col. particular;  
Fig 15 - Mário Cesariny, *Ao Poeta dos Astros... António Maria Lisboa*, 1960, Verniz, tinta-da-china e  
têmpera s/ cartão prensado, 30x29 cm, Coleção Manuel Baptista.

Em *Ao Poeta dos Astros... António Maria Lisboa* (Fig. 15), Mário Cesariny identifica de forma clara a imagem da “Menina Poesia”, enquanto representação pictórica do poeta e do ato poético, com António Maria Lisboa. Na representação a característica figura triangular assume intensidade lumínica e expande-se em todas as direções, como metáfora do poder interventivo do poeta. A poesia de António Maria Lisboa, referência fundamental para Cesariny, afirma continuamente o poeta como ser de exceção, que tem a tarefa de despertar nos outros a imaginação: “O Poeta já não apela para a lógica do espectador (antes a nega), nem tão-pouco para a sua memória da natureza – mas para a sua Imaginação. Trata-se de INVENTAR O MUNDO!”

Numa outra composição (Fig. 16), uma figura semelhante às anteriores, reforça a proximidade do Poeta ou da “Menina Poesia”, como é entendido pelo autor, ao Mago da tradição alquímica. A figura feminina com a cabeça em forma de estrela-Sol, metáfora do ser renascido poeticamente, está sobre um livro, pairando acima dos limites humanos, como afirmação do poder atuante da palavra poética. Em *Autobiografia II* o poder mágico das palavras transfigura a realidade envolvente: “Onde está o homem que era um Chevrolet / casado com uma vírgula de amianto? [...] Não importa transfigurá-lo-ei em poderoso egípcio / Abracadabra! Vram! Abracadabra!”. Em *Mensagem e Ilusão do Acontecimento Surrealista* Mário Cesariny cita as palavras de António Maria Lisboa, para afirmar a poesia como meio privilegiado de conhecimento e ação sobre o real: “É às palavras-actos, não às palavras que supõem actos, que me dirijo.



Fig. 16. (esq.) Mário Cesariny, *Sem título*, n.d; têmpera e verniz sobre papel colado em tela, 29,5 x 23 cm;  
col. Antiks Design

Sob a ação mágica da personagem o espaço assume uma dinâmica expansiva de formas, linhas e cores que se propagam para lá dos limites pictóricos. Ao realizar a unidade, a união do masculino e do feminino, o Poeta ou o Mago expande-se e polariza-se na totalidade do Cosmos. Em *O Mago* (Fig. 17), uma composição de cariz abstrato, a ausência da figura humana expressa o entendimento do Mago como um ser imaterial liberto das contingências da matéria, imerso na totalidade do Cosmos.

Numa outra obra (Fig. 18) datada de 1974, a figura feminina de corpo triangular, com cabeça em forma de cravo e a característica varinha, metáfora da capacidade de realização do Poeta, encarna o espírito da revolução. Mário Cesariny transforma a Revolução de Abril numa conquista poética, onde a transformação interior conduz à transformação da própria sociedade.





Fig 17



Fig 18

Fig. 17. Mário Cesariny, *O Mago*, 1969; *têmpera e verniz sobre papel colado em platex*; 38,5 x 51 cm; *col. particular*, e Fig. 18. M. Cesariny, *Sem título*, 1974; *acrílico, tinta-da-china e aguada sobre papel*, 31 x 21,5 cm; *col. particular*.

A obra de Mário Cesariny, em concordância com o pensamento de António Maria Lisboa, exalta o ser transformado poeticamente, expressão do corpo enriquecido, simultaneamente masculino e feminino, detentor de todos os poderes e capacidades – unificado e expandido na totalidade. O estudo das “Meninas Poesia”, apoiado na poética e narrativa do autor, permite reconhecer nestas representações uma idealização da imagem do próprio autor. Em sintonia com o pensamento de António Maria Lisboa, Cesariny aproxima a identidade do poeta, implícita nestas representações, ao mago da tradição alquímica, detentor de todos os poderes e capacidades, impulsionador da ação e da transformação.

## REFERÊNCIAS

- Breton, André – *Nadja*. Paris, Édition Gallimard, 1964.  
Breton, André - *O Amor Louco*. Trad. Luísa Neto Jorge, 2ª ed. Lisboa, Editorial Estampa, 1971.  
Breton, André - *Oeuvres Complètes, II* [Edição estabelecida por Marguerite Bonnet e Étienne-Alain Hubert] Paris, Gallimard, coll. “Bibliothèque de la Pléiade”, 1992.  
Breton, André - *Manifesto do Surrealismo*. In André Breton, *Manifestos do Surrealismo*. Trad. Pedro Tamen. Lisboa, Edições Salamandra, pp. 13-53, 1993. [1ª ed., 1924]  
Cesariny, Mário - *As mãos na água a cabeça no mar*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1985.  
Cesariny, Mário - *Titania: História Hermética em três religiões e um só Deus verdadeiro com vistas a mais luz como Goethe queria*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1994.  
Cesariny, Mário - *Pena Capital*. Lisboa: Assírio & Alvim, 3ª ed., 2005.  
Cesariny, Mário - *Manual de Prestidigitação*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2005.  
Cesariny, Mário, *A Intervenção Surrealista*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997.  
Chevalier, Jean; Cheerbrant, Alain - *Dicionário dos símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Figuras, Cores, Números*. Trad. Cristina Rodriguez, Artur Guerra. Lisboa: Editorial Teorema, 1994.  
Cuadrado, Perfecto E. - *Palavra / Imagem: Confluências*. In Pinharanda, João Lima; Cuadrado, Perfecto E., Mário Cesariny. Lisboa: Assírio e Alvim, Novembro 2004, pp. 217-226.  
Durand, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. Trad. Hélder Godinho, Lisboa: Editorial Presença, 1989.  
Lisboa, António Maria - *Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995 [texto estabelecido por Mário Cesariny de Vasconcelos].  
Pinharanda, João Lima - *Quando o pintor é um caso à parte ou as velhas ainda lá estavam*. In Pinharanda, J.; Cuadrado, P (Org). *Mário Cesariny*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004, pp.11-32.  
Rocha, Michele - *A Representação do Feminino no Surrealismo Português*. Tese de Doutoramento em Belas-Artes/Pintura [texto policopiado]. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2011.  
Roob, Alexander - *O Museu Hermético. Alquimia & Misticismo*. Londres: Taschen, 1996.





NOTAS DE RODAPÉ (NÃO REFERENCIADAS)

- 1 António Maria Lisboa, *Erro Próprio*. In *Poesia, Lisboa, Assírio & Alvim, 1995 [texto estabelecido por Mário Cesariny de Vasconcelos]*, pp. 33-34.
- 2 *Idem, Operação do Sol*. In *op. cit.*, p. 94.
- 3 *Idem, Erro Próprio*. In *op. cit.*, p. 28.
- 4 António Maria Lisboa, *Henrique Risques Pereira, Mário Cesariny e Pedro Oom, Afixação Proibida*. In *op. cit.*, p.11.
- 5 *Ibidem*.
- 6 António Maria Lisboa, *Erro Próprio*. In *op. cit.*, p. 29.
- 7 *Ibidem*, p. 32.
- 8 *Ibidem*, p. 29.
- 9 Cf. André Breton, *Segundo Manifesto do Surrealismo*. In *André Breton, Manifestos do Surrealismo, Trad. Pedro Tamen. Lisboa, Edições Salamandra, 1993*, p. 128.
- 10 António Maria Lisboa, *Erro Próprio*. In *op. cit.*, p. 30.
- 11 *Ibidem*, p. 33.
- 12 *Ibidem*, p. 34.
- 13 *Ibidem*.
- 14 *Ibidem*.
- 15 *Ibidem*.
- 16 *Ibidem*.
- 17 *Ibidem*.
- 18 Cf. *André Breton, Segundo Manifesto do Surrealismo*. In *op. cit.*, p. 129.
- 19 António Maria Lisboa, *Erro Próprio*. In *op. cit.*, p. 34.
- 20 *Idem, carta endereçada a Mário Cesariny, dat. Abril de 1950*. In *op. cit.*, pp. 196-197.
- 21 André Breton, *Segundo Manifesto do Surrealismo*. In *op. cit.*, p. 138.
- 22 António Maria Lisboa, *Alguns Personagens*. In *op. cit.*, p. 106.
- 23 *Ibidem*, p.108.
- 24 *Idem, Operação do Sol*. In *op. cit.*, p. 94.
- 25 Cf. *Ibidem*.
- 26 *Ibidem*.
- 27 *Ibidem*, p. 95.
- 28 *Ibidem*.
- 29 *Ibidem*, p. 98.
- 30 Cf. *Ibidem*, pp. 98-99.
- 31 Cf. António Maria Lisboa, *carta endereçada a Mário Cesariny, dat. Abril. 1950*. In *op. cit.*, pp. 193-194.
- 32 *Ibidem*, p. 196.
- 33 António Maria Lisboa, *Introdução ao Estudo Sistemático de Malaquias [...]*. In *op. cit.*, p. 152.
- 34 *Idem, carta endereçada a Mário Cesariny, dat. 15 Mai. 1950*. In *op. cit.*, p. 192.
- 35 *Idem, Isso Ontem Único*. In *op. cit.*, p. 85.
- 36 *Ibidem*, p. 86.
- 37 *Ibidem*.
- 38 *Ibidem*.
- 39 *Ibidem*, p. 87.
- 40 *Ibidem*, p. 91.
- 41 André Breton, *Les Vases communicants*. In *Oeuvres Complètes II, Paris: Gallimard, coll. "Bibliothèque de la Pléiade", 1992*, p. 149.
- 42 André Breton, *L'Union Livre*. In *Oeuvres Complètes II, op. cit.*, p. 85.
- 43 Cf. António Maria Lisboa, *Isso Ontem Único*. In *op. cit.*, p. 91.
- 44 *Ibidem*, p. 90.
- 45 *Ibidem*, p. 88.
- 46 *Idem, Introdução ao Estudo Sistemático de Malaquias [...]*. In *op. cit.*, p. 151.
- 47 *Ibidem*.
- 48 *Ibidem*.
- 49 *Idem, Erro Próprio*. In *op. cit.*, p. 23.
- 50 *Ibidem*, pp. 24-25.
- 51 *Ibidem*, p. 25.
- 52 *Ibidem*.
- 53 *Ibidem*.
- 54 *Ibidem*.
- 55 *Ibidem*, p. 26.
- 56 *Ibidem*.
- 57 António Maria Lisboa, *Henrique Risques Pereira, Mário Cesariny e Pedro Oom, Afixação Proibida*. In *op. cit.*, p. 14.
- 58 André Breton, *O Amor Louco*. 2ª ed. Lisboa, Editorial Estampa, 1971, p. 20.
- 59 *Ibidem*, p. 19.
- 60 António Maria Lisboa, *Erro Próprio*. In *op. cit.*, p. 34.
- 61 *Ibidem*, pp. 34-35.
- 62 André Breton, *Nadja*, Paris, Édition Gallimard, 1964, p. 183.
- 63 *Idem, O Amor Louco*, *op. cit.*, p. 104.
- 64 António Maria Lisboa, *Erro Próprio*. In *op. cit.*, p. 48.
- 65 *Ibidem*, p. 49.

- 66 *Ibidem*, p. 50.
- 67 *Idem, Alguns Personagens*. In *op. cit.*, p. 107.
- 68 *Ibidem*, p. 108.
- 69 *Idem, Operação do Sol*. In *op. cit.*, p. 93.
- 70 *Ibidem*, p. 101.
- 71 *Ibidem*, p. 96.
- 72 *Ibidem*, p. 101.
- 73 Cf. *Idem, Introdução ao Estudo Sistemático de Malaquias [...]*. In *op. cit.*, p. 145.
- 74 *Ibidem*, p. 146.
- 75 Cf. *Ibidem*, p. 147- 151.
- 76 *Ibidem*, pp. 152-153.
- 77 Cf. António Maria Lisboa, *Introdução ao Estudo Sistemático de Malaquias [...]*. In *op. cit.* p. 151.
- 78 *Idem, Alguns Personagens*. In *op. cit.*, p. 107.
- 79 Cf. Perfecto E. Cuadrado, *Palavra / Imagem: Confluências*. In Mário Cesariny, Lisboa, Assírio e Alvim, Novembro 2004, p. 226.
- 80 Cf. António Lisboa, *Operação do Sol*. In *op. Maria. cit.*, pp. 93-102.
- 81 António Maria Lisboa, *carta endereçada a Mário Cesariny: dat. Abril de 1950*. In *op. cit.*, pp. 196-197.
- 82 Cf. Jean Chevalier e Alain Cheerbrant, *Dicionário dos símbolos: Mitos, Sonhos, Costumes, Figuras, Cores, Números*, Lisboa: Editorial Teorema, 1994, p.668.
- 83 António Maria Lisboa, *Alguns Personagens*. In *op. cit.*, p. 107-108.
- 84 Mário Cesariny, *Titânia história hermética em três religiões e um só Deus verdadeiro com vistas a mais luz como Goethe queria*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994, pp. 11-12.
- 85 *Ibidem*, p. 101.
- 86 António Maria Lisboa, *Erro Próprio*. In *op. cit.*, p. 23.
- 87 Mário Cesariny, *Coro dos maus oficiais de serviço na corte de epaminondas, imperador*. In *Manual de Prestidigitação*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2005, p. 148. [1ª ed.:1981].
- 88 *Idem, Titânia*, *op. cit.*, p.102.
- 89 António Maria Lisboa, *carta endereçada a Mário Cesariny: dat. Abril de 1950*. In *op. cit.*, pp. 196.
- 90 Cf. Alexander Roob, *O Museu Hermético - Alquimia & Misticismo*. Londres: Taschen, 1996, p. 480.
- 91 Mário Cesariny, *O regresso de Ulisses*. In *Pena Capital*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005, pp. 206-207.
- 92 *Idem, Penélope corre ao encontro de Ulisses, 1974/85-86; acrílico s. tela, 70,5 x 99,5 cm; col. particular*.
- 93 *Idem, Concreção de Saturno*. In *Pena Capital*, *op. cit.*, p. 56.
- 94 *Idem, O Homem-Mãe*. In *Manual de Prestidigitação*, *op. cit.*, p. 121.
- 95 António Maria Lisboa, *Alguns personagens*. In *op.cit.*, p. 107.
- 96 Cf. *Ibidem*.
- 97 *Idem, carta endereçada a Mário Cesariny: dat. Abril. 1950*. In *op.cit.*, p. 196.
- 98 Mário Cesariny, *Introdução ao estudo sistemático de Malaquias [...]*. In *op.cit.*, p. 152.
- 99 António Maria Lisboa apud Mário Cesariny, *Mensagem e Ilusão do Acontecimento Surrealista*. In *As Mãos na Água, A Cabeça no Mar*, Lisboa: Assírio & Alvim, 1985, p. 79.

Recebido em 11 de outubro de 2017.

Aprovado para publicação em 30 de novembro de 2017.

